

CINE&VÍDEO TARUMÃ: a história dos boletins informativos entre 1990 e 2019¹

Cauane Marques **CARNEIRO**²
Juan Pablo Reis da **SILVA**³
Aline Ferreira **LIRA**⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta a sistematização da história dos boletins informativos do Cine&Vídeo Tarumã, publicados entre 1990 e 2019, contribuindo para a compreensão de um dos projetos de extensão mais longevos da Universidade Federal do Amazonas. A partir de pesquisa documental realizada com 772 boletins, as informações divulgadas foram estruturadas, os filmes exibidos entre 1990 e 2019 caracterizados e os comentários críticos a respeito das obras cinematográficas foram analisados. A partir desta pesquisa, foi possível alcançar resultados como o quantitativo de filmes exibidos, a evolução do boletim, e a consolidação do Cine&Vídeo Tarumã como espaço de debate, promovendo lazer e práticas culturais alternativas no âmbito da sétima arte.

Palavras-chave: Cineclubismo. Cine&Vídeo Tarumã. Boletins Informativos. Ufam.

INTRODUÇÃO

O Cine&Vídeo Tarumã, iniciativa cultural de significativa longevidade na Universidade Federal do Amazonas (Ufam), teve suas origens ainda na década de 1980, quando se configurava como um cineclube itinerante. As sessões eram promovidas em auditórios da antiga Universidade do Amazonas, como o Auditório Doutor Zerbini (Faculdade de Medicina) e o Auditório Alberto Rangel (Biblioteca Pública do Estado

¹ Este artigo apresenta considerações oriundas do relatório final da pesquisa de Iniciação Científica realizada entre 2023 e 2024, no âmbito da Universidade Federal do Amazonas e vinculado ao Grupo de Pesquisa em Relações Públicas (GERP).

² Graduanda do curso de Relações Públicas UFAM. Email: cauanem81@gmail.com

³ Graduando do curso de Relações Públicas UFAM. Email: reisjuanpablo@gmail.com

⁴ Professora do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: aline@ufam.edu.br.

Amazonas), sob o nome de Cineclube Tarumã (Sena et al., 2022). A institucionalização desse movimento ocorreu em 1992, quando o Cine & Vídeo Tarumã foi formalizado como projeto de extensão vinculado ao então Departamento de Comunicação Social do Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), sob coordenação do professor Antônio José Vale da Costa, conhecido como Tomzé. Em seus primórdios, as sessões utilizavam recursos modestos, como videocassetes e uma televisão de 20 polegadas (Duarte, 2017), mas já cumpriam o propósito de levar experiências cinematográficas críticas à comunidade universitária. Com a criação da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), em 2017, o projeto passou a ser sediado no miniauditório Narciso Lobo, com sessões duas vezes na semana, às 12h30.

O Cine&Vídeo Tarumã continua, até os dias atuais, promovendo exhibições de filmes, com ênfase em produções que geralmente não integram o circuito comercial popular. Como destacam Vassali e Pinto (2020), espaços universitários de exibição audiovisual possuem maior liberdade curatorial, sendo capazes de selecionar obras que rompem com os formatos e com as narrativas convencionais. Isso amplia o potencial do cinema como uma experiência sensível e intelectualmente mobilizadora, permitindo uma fruição estética que atua sobre as dimensões sensível e inteligível da percepção (Furtado, 2021). Ou seja, o Cine&Vídeo Tarumã, assim como os demais cineclubes universitários, possui uma autonomia sobre a curadoria das obras exibidas, o que permite uma experiência cinematográfica aos participantes em que o espectador não apenas sente, mas também pensa sobre o que vê, e, conseqüentemente, é capaz de aprender com isso.

A experiência cinematográfica promovida por cineclubes não apenas enriquece o repertório cultural de seus participantes, como também pode operar como ferramenta de conscientização. O cinema, quando inserido nesse contexto de debate e mediação, torna-se um espaço de provocação estética e política. Como aponta Teixeira (2011), os cineclubes vão além da difusão de filmes: eles possibilitam o acesso ao cinema enquanto manifestação artística e crítica, despertando a sensibilidade, o pensamento

autônomo e a formação de um olhar questionador. A leitura crítica, no entanto, demanda certa preparação estética e intelectual, sendo possível apenas quando o espectador é instigado a adotar um distanciamento reflexivo diante da obra (Stam, 2013; Furtado, 2021). Isso torna o cineclube um espaço privilegiado de formação cidadã e de diálogo com alteridades culturais (Baecque, 2010). Dessa forma, pode-se dizer que o cineclube é um lugar em que, ao promover debates acerca dos filmes, instiga a pensar além das próprias vivências e pensar mais criticamente, questionando, reconhecendo e refletindo sobre diversas formas de vida e cultura.

Entre 1990 e 2019, o Cine&Vídeo Tarumã publicou semanalmente boletins informativos em formato A5 e A4, nos quais eram divulgadas sinopses e comentários analíticos dos filmes exibidos. No total, foram 819 edições desses materiais. Tais textos não apenas orientavam a recepção estética das obras, mas também refletiam o compromisso do projeto com a formação crítica de seu público, alinhando-se ao entendimento de Baecque (2010), de que o cineclubismo deve provocar reflexão e memória sobre a experiência fílmica. Diante disso, este artigo propõe-se a registrar e analisar a trajetória de um dos mais longevos projetos de extensão da Ufam, que em 2026 completa 36 anos de atuação.

O projeto de pesquisa que deu origem a este artigo tinha como objetivo central elaborar uma historiografia dos boletins informativos do Cine&Vídeo Tarumã, abrangendo o período de 1990 a 2019. Para tanto, buscou-se, como objetivos específicos: sistematizar as informações divulgadas nesses boletins; caracterizar os filmes exibidos ao longo do referido intervalo; e analisar criticamente os comentários redigidos pela equipe organizadora do projeto. Esses objetivos visavam a compreender não apenas a evolução editorial dos boletins, mas também os critérios curatoriais e argumentativos adotados pelo cineclube ao longo das décadas.

A metodologia adotada para este estudo fundamenta-se em pesquisa documental, conforme delineada por Moreira (2005), envolvendo a identificação, a

verificação e a análise de documentos com fins interpretativos. Inicialmente, foi realizada uma revisão teórica acerca do cineclubismo e da estética cinematográfica, seguida pela produção de fichamentos analíticos das obras consultadas, de acordo com as orientações de Gil (2010). Em seguida, foi feita a sistematização dos boletins, com registro detalhado de seus elementos estruturais, como formato, número de páginas, presença de imagens e seções, além de dados adicionais relevantes.

A caracterização dos filmes exibidos foi feita por meio da construção de fichas específicas, contendo informações como título, ano de lançamento e exibição, equipe técnica, comentários feitos pela equipe do Cine&Vídeo Tarumã e a recepção crítica. Por fim, foi realizada a análise dos comentários críticos publicados nos boletins, considerando sua forma textual e conteúdo argumentativo em perspectiva histórica, conforme propõem Cardoso e Vainfas (1997), ao reconhecerem a centralidade da linguagem para a compreensão de ideias e mentalidades culturais. A partir dessa abordagem, o artigo evidencia o valor estético, educativo e cultural do Cine&Vídeo Tarumã dentro do contexto universitário amazonense.

CINEMA E O MOVIMENTO CINECLUBISTA

O cinema, na sua criação com os irmãos Lumière e o cinematógrafo, teve a princípio um caráter científico e só mais tarde se tornou uma forma de entretenimento. Segundo Ribeiro (2021), o objetivo inicial da invenção dos irmãos Lumière era voltado para estudos científicos. Eles viam o cinematógrafo como uma ferramenta inovadora, destinada a capturar o movimento de forma detalhada, permitindo registros mais precisos do que as fotografias estáticas da época. Dessa forma, a invenção possibilitava o estudo aprofundado de fenômenos naturais e sociais, por meio dos registros do cotidiano, proporcionando uma compreensão mais completa da realidade. Conforme Albagli (2020), com o cinematógrafo os irmãos Lumière conseguiram projetar uma série de imagens de forma contínua, criando a ilusão de movimento.

Mesmo que essa não tenha sido a intenção, foi assim que nasceu o cinema, no dia 28 de dezembro de 1895, com a exibição do filme: "A Saída dos Operários da Fábrica Lumière". O filme possui menos de 1 minuto, mas foi o suficiente para ser o marco inicial da sétima arte. Os primeiros filmes eram como documentários, já que em sua maioria registravam cenas do cotidiano, sem roteiro ou direção. A câmera ficava em um ponto fixo e filmava o que estivesse à sua frente, fossem objetos em movimento, pessoas ou animais.

Nesta primeira fase do cinema ainda não era possível capturar o som; sendo assim, os filmes eram mudos, além de também não possuírem cores. À medida que o cinema evoluiu, foram incorporados diálogos em forma de texto e, posteriormente, som e cor. Segundo Smith (2018), a primeira exibição pública de cinema, realizada pelos irmãos Lumière, é amplamente reconhecida como o marco inicial da história do cinema moderno. Assim, os Lumière não apenas desenvolveram a tecnologia do cinematógrafo, mas também abriram caminho para a prática de exibições cinematográficas em um ambiente coletivo, estabelecendo as bases para a indústria do cinema que conhecemos hoje.

Conforme destaca Sena (2022), no decorrer do tempo com seus aprimoramentos e inovações tecnológicas, o cinema foi moldando sua linguagem, sua técnica e sua indústria, capitalizando cada vez mais suas produções até conhecermos o cinema como é no século XXI. Essa evolução do cinema, impulsionada pelo advento do capitalismo, resultou em um ciclo em que a indústria cinematográfica se alimentava e era alimentada pelo próprio sistema capitalista. Com o crescimento da indústria, surgiu a necessidade de espaços dedicados à reflexão e ao acesso mais democrático ao cinema, levando à criação dos cineclubes no final do século XIX.

O início dos cineclubes foi bem restrito e segmentado para os amantes de cinema, que, naquela época, ainda buscavam legitimar culturalmente a arte cinematográfica. Com o desenvolvimento do cinema, por volta de 1950, o movimento

cineclubista cresceu e se espalhou de forma mais organizada e representativa. Segundo Sales (2015), as principais atividades dessas entidades estavam ligadas à divulgação, à pesquisa e ao debate do cinema, além de também contribuírem para a constituição do espectador crítico frente à imagem fílmica e seus desdobramentos sociais e políticos.

Essas práticas cineclubistas fazem parte de um ciclo que permite que a sétima arte exista até hoje, pois é essencial que haja um espectador crítico para as obras, que para além de apreciar e analisar, também irá criticá-las, não em um sentido pejorativo, mas de forma analítica. Desta forma, o cinema se desenvolve, evolui e se perpetua como cultura universal. Pois, de acordo com Sales (2015), o cinema exige que, além de visto, dele se fale, escreva, discuta, que se crie discursos, publicações e polêmicas.

E foi seguindo esse pensamento que surgiu o *Cinéma du Peuple* (Cinema do Povo) como, de fato, o primeiro cineclube do mundo (Macedo, 2010). Trata-se de um Clube criado em 1913, por iniciativa dos operários anarquistas comunistas, em Paris, visando ser uma forma de resistência e de reação ao cinema que já naquela época tinha um agente dominante e alienado.

Assim, foram surgindo outros cineclubes que eram estabelecidos como movimentos culturais, que não apenas promoviam o debate sobre as produções cinematográficas, mas também facilitavam o acesso público a esses filmes. Ao oferecer um ambiente para discussões críticas e exibições em espaços comunitários, os cineclubes desempenharam um papel crucial na democratização do acesso ao cinema e na apreciação mais profunda da arte cinematográfica.

No Brasil, segundo dados do IBGE de 2021, o acesso ao cinema ainda é restrito para grande parte da população. As pesquisas apontam que 57,5% da população tem acesso ao cinema, enquanto os outros 43,5% não tem cinema em seus municípios. E a situação era ainda pior antes dos cineclubes.

Os cineclubes no Brasil também surgiram de forma tímida e muito restrita a um público mais elitizado que apreciava o cinema e buscava debater sobre a estética cinematográfica. De acordo com Salles (2013), as primeiras atividades que remetiam a práticas cineclubistas no Brasil surgiram no Rio de Janeiro, em 1917, com o Cineclube Paredão. O clube reunia um grupo de pessoas que debatiam os filmes assistidos logo após as sessões dos cinemas Íris e Pátria do Rio de Janeiro.

Entretanto, o primeiro cineclube oficial no Brasil foi o Chaplin Club, fundado em 1928, também no Rio de Janeiro. Segundo Butruce (2003), esse é considerado o primeiro cineclube, pois só a partir de então houve um movimento sistemático de exibição e discussão de filmes. Salles (2013) também destaca que o Chaplin Club foi o primeiro a produzir um periódico especializado em cinema. Trata-se do FAN⁹, que “representou uma sofisticação na crítica e na defesa austera de um cinema de vanguarda, concentrando suas discussões em torno da dimensão estética e da defesa do cinema mudo (Salles, 2013, p. 10).”

Depois desse período inicial, Butruce (2003) e Salles (2013) apontam que o movimento cineclubista se expandiu até chegar nas universidades, nas escolas, nas igrejas, na política e na sociedade de forma mais ampla. Um exemplo disso ocorreu em 1940, quando o Clube de Cinema de São Paulo foi fundado por intelectuais como Paulo Emílio Salles Gomes, que propunha estudar o cinema como arte independente, mas foi interditado em 1941 pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Os jovens estudantes envolvidos no projeto lançaram as bases para a concepção de cinema que influenciou todo processo do movimento cineclubista.

Salles (2013) explica que a década de 1950 é vista como um momento de maturidade e expansão do movimento no país, coincidindo com o surgimento de críticos e a agregação dos cineclubes a instituições como museus e faculdades. Nessa fase os cineclubes saíram dos eixos mais populares ou da cidade grande e chegaram aos interiores do Brasil.

Voltando um pouco no tempo, também podemos apontar que a Semana de Arte Moderna de 1922 representou uma ruptura com os padrões estéticos europeus e a defesa de uma identidade artística brasileira. Esse movimento influenciou a valorização do cinema como forma de expressão cultural nacional e estimulou críticas às estruturas dominantes de produção e circulação de filmes. Gregio (2018) destaca que o modernismo impulsionou práticas artísticas experimentais, críticas e politicamente engajadas, que mais tarde dialogariam diretamente com o Cinema Novo.

Durante as décadas de 1960 e 1970, esse espírito crítico foi retomado e transformado em força estruturante do cineclubismo brasileiro. Segundo Butruce (2003), esse período marcou a maior expansão do movimento, com cineclubes vinculados a universidades, escolas, movimentos estudantis, sindicatos e espaços culturais. Esse processo coincidiu com a efervescência política do pré-golpe de 1964 e, posteriormente, com a resistência cultural durante a ditadura civil-militar.

A partir de então, os cineclubes tornaram-se espaços de formação crítica, mediação cultural e engajamento político. Muitos cineastas do Cinema Novo, como Glauber Rocha, Leon Hirszman e João Batista de Andrade, tiveram suas trajetórias marcadas por experiências cineclubistas, nas quais o debate cinematográfico era entendido como prática pedagógica e cidadã. Assim, os cineclubes das décadas de 1960 e 1970 consolidaram-se como ambientes de resistência, educação e renovação estética.

Abrangendo especialmente a capital do Amazonas, pesquisas sobre o cineclubismo em Manaus revelam que a prática possui raízes antigas na cidade. Costa (2018) indica que as primeiras experiências remontam à década de 1920, com iniciativas vinculadas a instituições escolares e religiosas, como o Cine Manáos e o Cineclubes Dom Bosco. Nas décadas de 1960 e 1970, grupos como o Grupo de Estudos Cinematográficos (GEC) e o Cineclubes Humberto Mauro consolidaram práticas de exibição e debate sobre cinema brasileiro e internacional.

Durante os anos 1980, o cenário cultural de Manaus impulsionou o surgimento de novas iniciativas, entre elas o Cineclubes Tarumã, que posteriormente daria origem ao Cine&Vídeo Tarumã. Segundo Sena (2024), o cineclubismo amazonense contemporâneo manteve vitalidade por meio de propostas universitárias, escolares e comunitárias, como o Clubinho do Dragão e projetos de educação audiovisual em bairros da cidade.

O Cine&Vídeo Tarumã (CVT) surgiu oficialmente em 1980, coordenado por Antônio José Vale da Costa, conhecido como Tomzé, mantendo a tradição do antigo Cineclubes Tarumã (Costa, 2018). Em 1992, o projeto foi institucionalizado como ação de extensão da Universidade Federal do Amazonas. Desde então, consolidou-se como o mais longo cineclubes universitário da região Norte, promovendo exposições gratuitas, debates e ações formativas.

Costa (2018) observa que o projeto manteve, ao longo de décadas, intensa atividade por meio de exposições críticas de filmes nacionais e internacionais de relevância estética e social. Os boletins informativos publicados semanalmente entre 1990 e 2019 constituem importante registro dessa trajetória, funcionando como instrumento de preservação da memória cineclubista e fonte documental para estudos sobre curadoria, crítica e práticas de mediação cultural.

Além da exposição cinematográfica, o Cine&Vídeo Tarumã atua como espaço de formação universitária ao integrar ensino, pesquisa e extensão. O projeto envolve estudantes de Jornalismo, de Relações Públicas e de outras áreas, estimulando práticas de análise crítica, mediação cultural e educação audiovisual. Sena (2024) destaca que o cineclubismo amazonense contemporâneo, exemplificado pelo CVT, funciona como ponte entre educação e cidadania, ampliando a democratização do acesso ao cinema e fortalecendo a formação crítica do público.

RESULTADOS

A fim de elaborar a historiografia dos boletins informativos do Cine&Vídeo Tarumã publicados entre 1990 e 2019, realizou-se a digitalização do material por meio da ferramenta de *scanner* de aparelho móvel, no mês de setembro de 2023, com o objetivo de facilitar a organização e a análise dos documentos referentes às exibições cinematográficas do projeto, até então disponíveis apenas para consulta presencial na Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal do Amazonas. O processo de digitalização possibilitou não apenas a realização da pesquisa de forma remota, mas também a ampliação do acesso público ao acervo.

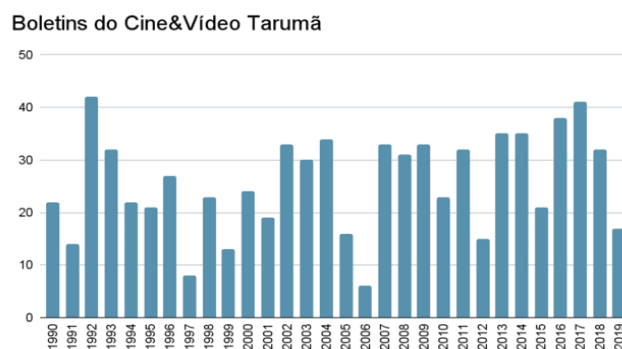
Após a digitalização, foi criada uma pasta no *Google Drive*, intitulada “Boletins Informativos”, na qual os arquivos foram organizados por ano de publicação e renomeados conforme as respectivas semanas temáticas, entre os meses de outubro e novembro de 2023. Essa sistematização permitiu a visualização cronológica do material e a identificação de padrões relacionados às escolhas curatoriais, recorrência de mostras, nacionalidade das obras exibidas e demais aspectos programáticos do cineclube.

Sob uma perspectiva historiográfica, os boletins foram compreendidos como fontes primárias e vestígios documentais capazes de revelar práticas culturais e comunicacionais desenvolvidas pelo Cine&Vídeo Tarumã ao longo de quase três décadas. Para além do levantamento quantitativo das exibições, procedeu-se à descrição e análise interpretativa dos conteúdos, considerando temáticas semanais, locais e horários de exibição, bem como indícios de participação do público. Assim, os documentos foram tratados como fragmentos históricos que permitem reconstruir não apenas a programação do cineclube, mas também sua atuação enquanto espaço de mediação cultural e formação de público no contexto amazônico.

Durante o processo de digitalização, foi possível ter acesso a 772 boletins. Embora o último número do Boletim seja 816, foram encontrados, apenas, 772 deles. O controle de documentos permite identificar que houve períodos ou que os boletins não

foram publicados ou que não foram armazenados no acervo do Cine&Vídeo Tarumã. O gráfico 1, abaixo, mostra a relação de números de boletins por ano:

Gráfico 1 – Quantidade de boletins do Cine&Vídeo Tarumã publicados por ano (1990–2019)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Elaboração dos autores.

Assim, o processo de digitalização e catalogação dos boletins garantiu o cumprimento do primeiro objetivo da pesquisa, o de sistematizar as informações divulgadas nos boletins informativos do Cine&Vídeo Tarumã. Já para o segundo objetivo específico, de caracterizar os filmes exibidos pelo Cine&Vídeo Tarumã, foi desenvolvida uma planilha para catalogar os boletins conforme o seu número, semana temática, filmes exibidos na semana, estrutura do boletim, número de páginas, seções, imagens presentes no boletim e formato usado. Também foram registradas as mudanças estéticas dos boletins com o passar dos anos e em formato de ordem cronológica, apontando as mudanças e edições.

Com o intuito de sistematizar os filmes exibidos nos anos de 1990 até 2019, foi catalogado em uma planilha as informações: Número de produções exibidas por ano, Nome da Obra, País de origem da produção, Ano, Diretores, Semana em que foi exibido e número do Boletim.

SISTEMATIZAÇÃO DOS BOLETINS DO CINE&VÍDEO TARUMÃ

PRIMEIRA VERSÃO: 1990-1996

Os primeiros boletins do Cine&Vídeo Tarumã, datados em 1990, apresentam uma estrutura bem simples, em papel ofício de tamanho A4 (Figura 1). Na parte superior do boletim está o nome do projeto, Cine&Vídeo Tarumã, o tema da semana, o número do programa e a localização do cineclube, que até então era no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL), da então Universidade do Amazonas, atual Universidade Federal do Amazonas.

Em seguida, há um quadro com as fichas técnicas, as capas e as datas dos filmes que seriam exibidos naquela semana. Assim, eram feitas descrições sobre cada filme, contando com uma sinopse, elenco principal, ano de lançamento, país de origem, título do filme, tanto o título original como também o título no Brasil, e ao final eram apresentados breves comentários sobre o filme, o diretor ou prêmios recebidos pela obra. Essas informações contidas no quadro eram divididas por linhas pontilhadas para manter a organização do boletim e assim facilitar a sua visualização e, consequentemente, a sua compreensão. Ademais, os boletins apresentavam uma espécie de rodapé centralizado que continha os apoiadores culturais do Cine&Vídeo Tarumã.

Figura 1 – Primeira versão do boletim informativo do Cine&Vídeo Tarumã (1990–1996)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Escaneado pelos autores.

Ao analisar os primeiros boletins do Cine&Vídeo Tarumã é possível perceber a dedicação e o cuidado na organização e divulgação do cinema alternativo em Manaus, e, mesmo que por meio de uma estrutura simples, o formato demonstra ser funcional.

A disposição das informações, desde a identificação do projeto até as descrições dos filmes, demonstra o compromisso com a clareza e a acessibilidade, quesitos que o projeto se propõe desde sua criação. Além disso, o rodapé destacando os apoiadores culturais evidencia a importância das parcerias na sustentação do projeto, contribuindo para a continuidade do cineclube na Universidade Federal do Amazonas.

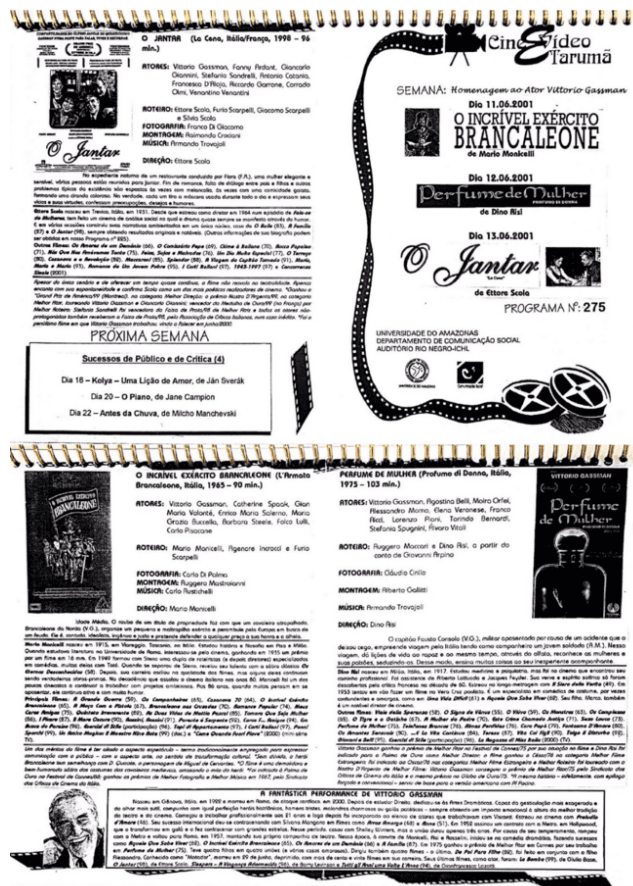
SEGUNDA VERSÃO: 1997-2001

Os boletins a partir da edição nº 185, do ano de 1997, revelam uma evolução significativa na sua formatação e estrutura, que reflete o desenvolvimento contínuo do projeto ao longo dos anos. Em comparação com as edições iniciais datadas de 1990, que apresentavam uma estrutura simples impressa em papel ofício de tamanho A4, as mudanças são notáveis.

A partir de 1997, os boletins passaram a ser produzidos em formato livreto A5, utilizando ambos os lados de uma folha A4 (Figura 2). Essa reformulação permitiu não apenas a continuidade das informações catalográficas, mas também a inclusão de novas seções e a possibilidade de uma maior inserção de informações de texto, tornando-o mais detalhado, assim como a programação da semana seguinte e dados técnicos específicos, tais como “música”, “fotografia”, “montagem”, “narração” e “roteiro”, que variavam conforme a obra em destaque.

Em algumas edições, a última página era utilizada para dar avisos sobre a próxima sessão ou até mesmo para mensagens especiais de Feliz Natal e Feliz Ano Novo. A partir dessa versão, as seções de texto passaram a ser divididas apenas por linhas, formato que foi mantido até o boletim de número 280, distribuído em julho de 2001.

Figura 2 – Segunda versão do boletim informativo do Cine&Vídeo Tarumã (1997–2001)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Escaneado pelos autores

Essas alterações no formato e na estrutura dos boletins indicam um esforço consciente de modernização do Cine&Vídeo Tarumã, sem comprometer a clareza e a acessibilidade das informações, que sempre foram características fundamentais do projeto. Continuando não apenas a preservar a tradição de informar e educar o público sobre as exhibições semanais, mas também demonstra uma adaptação às novas necessidades e expectativas do público, evidenciando o compromisso contínuo do projeto com a excelência na comunicação e na apresentação do conteúdo.

TERCEIRA VERSÃO: 2002-2005

A terceira versão dos boletins do Cine&Vídeo Tarumã iniciou com o boletim nº281 do ano de 2001, mantendo-se no formato de livreto com 4 laudas em tamanho A5, com o pôster do filme, ficha técnica do filme, sinopse, informação sobre o/a diretor(a) e comentários e/ou menção de prêmios da produção, respectivamente (Figura 3). Diferente do modelo anterior, agora o texto é feito em duas colunas por lauda e a informação sobre o diretor é destacada em uma forma retangular, descartando as linhas horizontais que compõem essa seção.

Pode-se ressaltar também a aparição de “notas sobre o cinema nacional” ou “novas produções brasileiras” em alguns boletins, texto dentro de uma forma retangular que apresenta notícias sobre o cinema brasileiro. Outros elementos novos nessa versão são as caixas de texto contendo informações que contextualizam os filmes, os gêneros dos filmes, os movimentos cinematográficos relacionados, os diretores, os atores, as sessões temáticas como dia da mulher, dia do trabalhador, dia da consciência negra, entre outras datas comemorativas importantes, e avisos sobre a sessão e aviso sobre apresentações e até mesmo exhibições antes dos filmes.

Quanto às mudanças de design e de *layout*, podemos apontar diversas alterações. Primeiramente, a capa do boletim nessa versão apresenta o logo utilizado pelo cineclubes na época no canto superior direito. Abaixo, encontra-se o nome da Universidade Federal do Amazonas e o departamento responsável. À esquerda, estão indicados o local e o horário da sessão, enquanto, à direita, figura o número da edição do boletim. Mais abaixo, próximo ao meio, estão os títulos dos filmes, inseridos dentro de uma forma retangular, com a data da realização da sessão destacada em outra cor, logo acima dessa forma. Ao lado dos títulos dos filmes, o título da semana aparece escrito na vertical, em uma cor mais destacada. Essa disposição difere da versão anterior, na qual o título da semana ficava acima dos títulos dos filmes.

Outro detalhe que diferencia essa versão é a escrita do nome do diretor em uma fonte diferente das demais, conferindo destaque a essa informação. O design do boletim mantém o uso de um cabeçalho e rodapé com a lateral do rolo de filme, um elemento que já era utilizado em versões anteriores, assim como o logotipo da câmera.

A seção “Próxima semana” continua localizada na última lauda, porém, foi reduzida, mantendo-se na mesma forma e cor destacada do título da seção. Essa seção continua sendo utilizada para avisos e recados. A partir do boletim nº 344, foi incluída na capa a informação de entrada franca.

Além disso, o texto “Programação” foi incluído no cabeçalho do boletim, e cada filme agora possui uma lauda própria no livreto. Em semanas com mais de três exhibições, o boletim permanece com apenas uma folha e quatro laudas utilizadas, sendo o espaço dividido em quatro blocos para os filmes. Alguns boletins utilizam tanto linhas para separar o texto quanto formas retangulares, enquanto outros contam com textos inseridos em formas que ocupam parte das duas laudas.

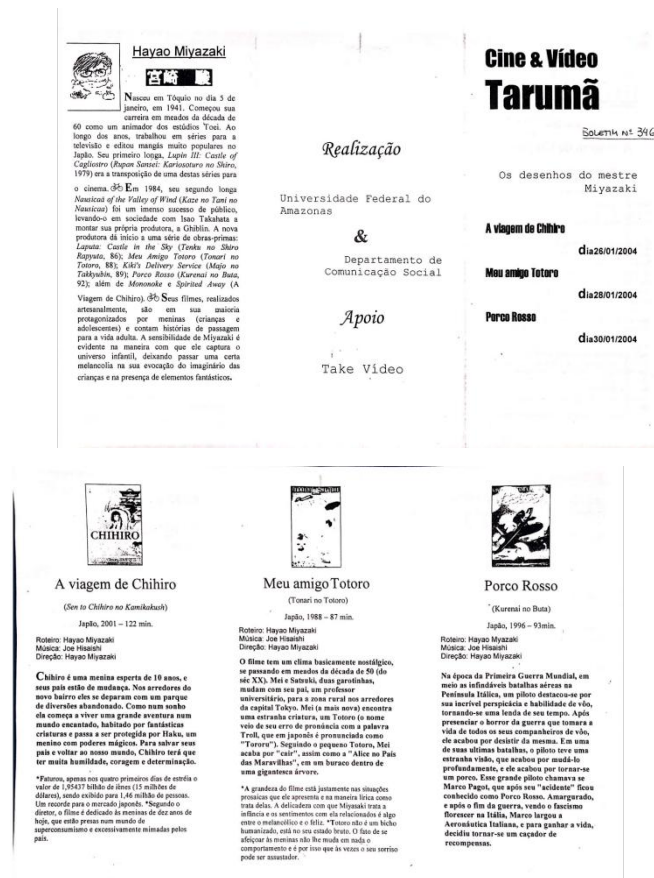
Figura 3 – Terceira versão do boletim informativo do Cine&Vídeo Tarumã (2002–2005)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Escaneado pelos autores.

Por fim, podemos destacar o boletim nº 346, um boletim único e especial (Figura 4), que apresenta um novo formato, no estilo *folder*, sendo uma folha de papel A4 com três dobras e seis laudas. O boletim é o único que foge aos formatos até então apresentados nos anos anteriores. Não se sabe a motivação da edição especial, mas o tema da semana era em homenagem às animações asiáticas de sucesso.

Figura 4 – Versão especial do boletim informativo do Cine&Vídeo Tarumã (2004)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Escaneado pelos autores.

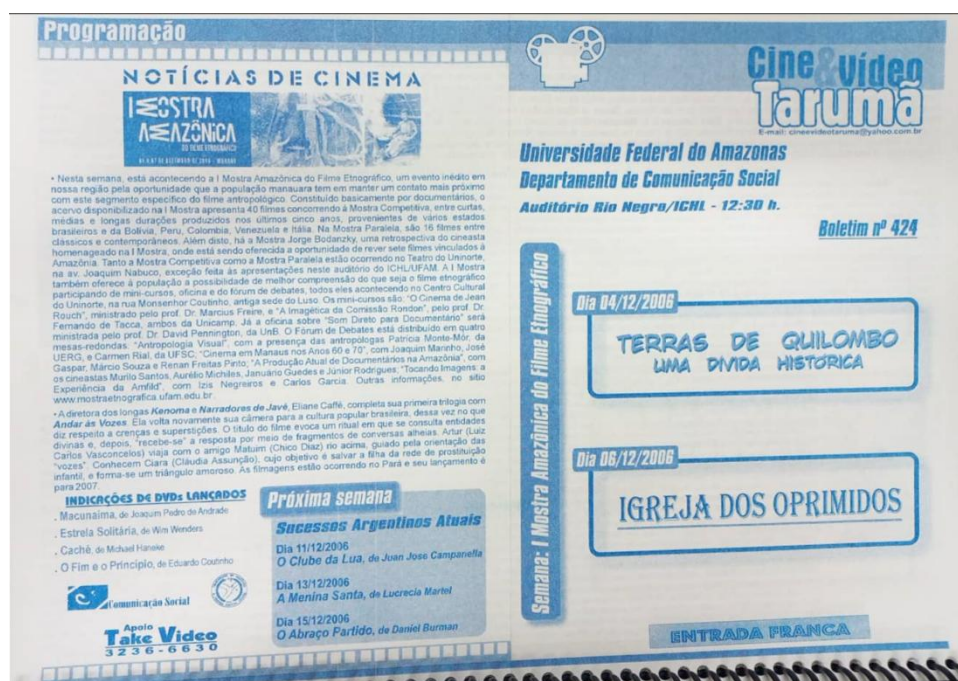
QUARTA VERSÃO: 2006-2019

A quarta versão (Figura 5) se inicia com o boletim nº421 de 2006 e mantém bastante da estrutura de livreto em tamanho A5 e formato da terceira versão, entretanto agora os pôsteres, as fichas técnicas e os comentários sobre os filmes da sessão estão em apenas uma lauda e divididos por uma linha horizontal que divide a folha de papel em três partes.

A última lauda do boletim do Cine&Vídeo Tarumã passou a contar com a seção “Notícias do Cinema”, que traz informações sobre diversos assuntos relacionados ao cinema, como eventos, festivais e lançamentos. A partir do boletim número 424, foi

criada a seção “Indicações de DVDs lançados”, localizada no canto inferior esquerdo da última lauda. Essa seção geralmente indicava quatro obras lançadas em DVD, incluindo o nome da obra e o diretor. Além disso, a última lauda passou a ser usada para a adição de outros textos relacionados ao tema da semana, como datas importantes e textos sobre diretores.

Figura 5 – Quarta versão do boletim informativo do Cine&Vídeo Tarumã (2006)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Escaneado pelos autores.

A estrutura do boletim dessa versão oscilava entre três linhas de informações sobre filmes, divididas horizontalmente. Em algumas edições, as informações eram organizadas em três colunas divididas verticalmente. Nos primeiros anos dessa versão, as informações sobre os filmes estavam dispostas em uma página dividida em três partes horizontais, que apresentavam os pôsteres, fichas técnicas, sinopses, informações sobre o diretor e comentários. No entanto, por volta de 2009, essas informações passaram a ser organizadas em colunas verticais.

A partir da edição número 498, foram adicionados à capa do boletim os endereços eletrônicos de *e-mail*, *Twitter* e *Blogspot* do Cine&Vídeo Tarumã. Com o passar dos anos, mais informações foram adicionadas, e a estrutura dos boletins foi sendo modificada. A partir da edição número 550, esses endereços eletrônicos foram realocados para a última lauda do boletim, dentro de uma caixa retangular com o título “Converse Conosco”, localizada acima das indicações de *DVDs* e do quadro “Próxima Semana”.

A partir da edição número 612, a seção “Indicações de *DVDs* Lançados” passou a se chamar “Recomendação de Filmes Lançados”. Na edição número 633, a seção “Converse Conosco” começou a incluir o *Facebook* do projeto, enquanto o *Blogspot* foi retirado. Já na edição número 679, a logo do Cine&Vídeo Tarumã foi alterada, e, na edição número 681, foi adicionada uma linha vertical entre as colunas de informações dos filmes.

A partir da edição número 704, a seção “Próximas Sessões” ganhou maior destaque na última lauda. Além do nome da semana seguinte e sua data, a sinopse das obras também foi incluída. Por conta disso, a seção sobre notícias do cinema foi diminuída e, em algumas edições, não foi incluída devido à falta de espaço, assim como a indicação de filmes lançados. Em certas ocasiões, a seção da “Próxima Semana” também foi reduzida para abrir espaço para o texto sobre o tema da semana. Dependendo do contexto, um quadrado com a data comemorativa era inserido na capa, acima do número do boletim. Em 2017, na edição número 729, a logo mudou novamente, e a estrutura do boletim se manteve dessa forma até a última edição, número 816, em 2019.

Figura 6 – Quarta versão do boletim informativo do Cine&Vídeo Tarumã (2006–2019)



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Escaneado pelos autores.

CARACTERIZAÇÃO DOS FILMES

A análise das semanas temáticas evidencia com maior nitidez o caráter formativo e político-cultural da curadoria do Cine&Vídeo Tarumã. Iniciativas como a “Semana Inéditos do Cinema de Manaus”, realizada em diferentes edições, demonstram um esforço de democratização do acesso a obras ainda não exibidas comercialmente na cidade, ampliando o contato do público com produções locais, nacionais e internacionais.

Mostras como “Pequena Mostra de Filmes Orientais” e “Filmes de Língua Espanhola” revelam a intenção de diversificar o repertório cultural para além do eixo hegemônico norte-americano, enquanto a recorrência de temáticas indígenas, como em “Uma Homenagem às Nações Indígenas”, indica sensibilidade às questões identitárias e socioculturais da Região Amazônica.

Destacam-se ainda programações alinhadas a datas simbólicas e pautas sociais, como “Histórias de Trabalhadores”, exibida em proximidade ao 1º de maio, cujo boletim incluía textos explicativos sobre a importância histórica da data, e “A condição da mulher em debate”, associada ao Dia Internacional da Mulher e às discussões sobre violência de gênero. Tais escolhas evidenciam que o cineclube não se restringia à exibição de filmes, mas atuava como espaço de mediação cultural e debate público, articulando cinema, educação e reflexão social.

A recorrência de mostras vinculadas a causas sociais, homenagens a diretores e cinematografias de diferentes países e continentes reforça o entendimento do Cine&Vídeo Tarumã como agente de formação crítica, inserido na tradição do movimento cineclubista brasileiro, historicamente comprometido com a circulação de obras alternativas e com a problematização de questões políticas e culturais.

A partir da análise dos boletins, considerando o espaço amostral de 29 anos de existência do projeto, foram catalogados 772 edições, que registram 2.254 sessões e a exibição de 2.114 longas e curtas-metragens. O volume expressivo de sessões e obras exibidas ao longo desse período evidencia a continuidade e a consolidação do Cine&Vídeo Tarumã como espaço permanente de difusão cinematográfica em Manaus. A regularidade das exibições demonstra não apenas longevidade institucional, mas também a manutenção de uma proposta curatorial consistente ao longo das décadas.

O filme mais exibido entre os anos de 1990 e 2019 foi o longa brasileiro “O Beijo da Mulher Aranha”, dirigido por Hector Babenco, reproduzido em quatro ocasiões: a primeira, em 1992, durante a semana “Produções Nacionais Premiadas de 1985”, e a última, em 2016, em uma programação de homenagem póstuma ao diretor. A recorrência da obra em contextos distintos revela como a programação do cineclube dialogava com marcos históricos e afetivos do cinema, articulando memória, reconhecimento autoral e atualização de repertório ao longo do tempo.

Os boletins registram 359 diretores e diretoras, alguns dos quais se destacaram pela frequência de exibição ao longo das décadas. O diretor estadunidense Woody Allen aparece com 21 exibições, seguido do espanhol Pedro Almodóvar, com 20. Abbas Kiarostami, Hector Babenco, David Lynch, Ettore Scola e Akira Kurosawa contabilizam 11 exibições cada; Stephen Frears aparece com 10; Richard Linklater, Joel Coen, Terry Gilliam e Werner Herzog registram 9 exibições. A recorrência de cineastas reconhecidos por trajetórias autorais sugere uma valorização do cinema de autor na programação do Cine&Vídeo Tarumã, aproximando o projeto da tradição cineclubista que privilegia obras de forte identidade estética e narrativa, em contraposição a uma lógica estritamente comercial.

No que se refere à direção das obras exibidas, observa-se predominância masculina, com 260 aparições de diretores frente a 99 de diretoras. Esse desequilíbrio reflete, em parte, a histórica desigualdade de gênero na indústria cinematográfica mundial, mas também suscita reflexões acerca dos limites e desafios da diversidade curatorial ao longo do período analisado.

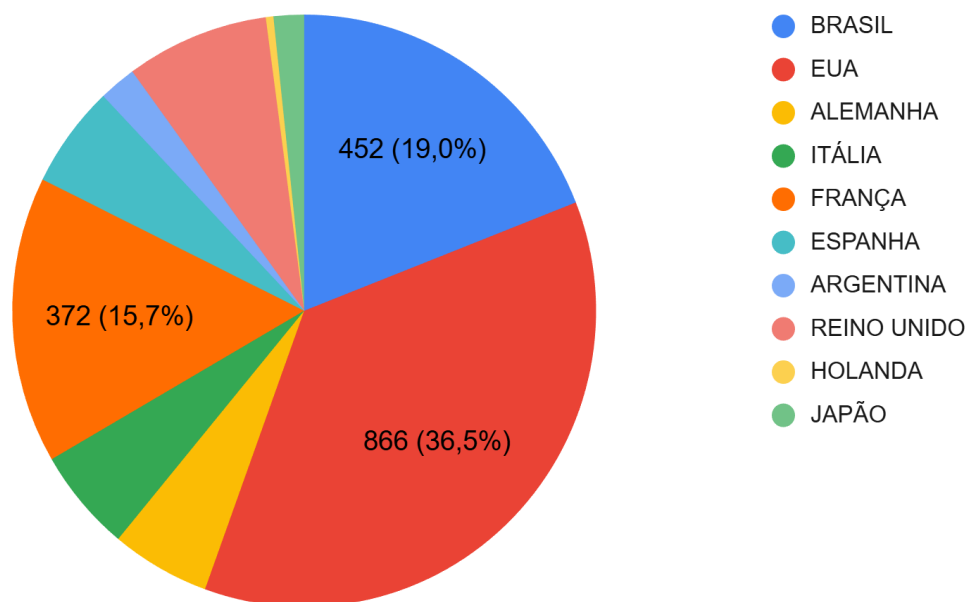
Em conjunto, os dados quantitativos revelam não apenas a amplitude da programação, mas também indícios de uma curadoria orientada por critérios estéticos, autorais e temáticos, articulando memória cinematográfica, diversidade cultural e formação crítica de público.

A respeito da nacionalidade das obras exibidas, os Estados Unidos aparecem 866 vezes na identificação das produções, seguidos pelo Brasil, com 452 ocorrências. Outros países presentes na programação ao longo do período analisado foram Alemanha, Itália, França, Espanha, Argentina, Reino Unido, Holanda e Japão.

Embora haja predominância de produções estadunidenses e brasileiras, o que pode ser compreendido à luz da hegemonia histórica desses mercados na circulação cinematográfica internacional, observa-se a presença recorrente de cinematografias de diferentes contextos nacionais (Gráfico 2). Essa composição indica que, ainda que inserido em um cenário de forte influência dos polos dominantes, o Cine&Vídeo Tarumã buscou ampliar o repertório exibido, incorporando obras que extrapolam o circuito estritamente comercial e dialogam com propostas autorais, culturais e formativas. Tal escolha curatorial sugere uma tentativa de tensionar os limites do consumo cinematográfico convencional, promovendo contato com diferentes tradições estéticas e narrativas.

Gráfico 2 – Distribuição dos filmes exibidos pelo Cine&Vídeo Tarumã por país de origem (1990–2019)

Relação de países de filmes



Fonte: Acervo Cine&Vídeo Tarumã (2023). Elaboração dos autores.

Análise dos Comentários do Cine&Vídeo Tarumã

Com base em uma análise geral da seção de "comentários", elaborada pela equipe do Cine&Vídeo Tarumã, é possível destacar várias mudanças ao longo dos anos, de 1990 a 2019. Entre as principais modificações, pode-se destacar o aprofundamento na análise dos filmes, curta-metragens e documentários apresentados no projeto, assim como a maneira mais detalhada de abordar os diretores das obras. Além disso, houve um aumento na ênfase sobre os prêmios e indicações recebidos pelas produções, bem como nas curiosidades e peculiaridades de alguns filmes. Inicialmente, todos esses tópicos eram tratados de forma exploratória, mas com o tempo passaram a ter uma presença cada vez mais marcante na seção de comentários. Antes, se um filme fosse ganhador de um prêmio como o Oscar, o fato seria apenas mencionado no comentário, sem grande aprofundamento sobre ou sem opiniões e críticas. Com a evolução dos boletins e sua estrutura, esses comentários passaram a ser mais detalhados e

relevantes. Essas transformações refletem uma evolução contínua, que se manifesta tanto no conteúdo quanto na abordagem adotada pela equipe durante esse período.

De modo geral, podemos observar que, nos primeiros anos do projeto, os comentários eram feitos de forma breve, geralmente em poucas linhas. Muitas vezes, esses comentários se limitavam a uma sinopse sob a perspectiva do autor, que não era identificado. Em alguns casos, incluíam também curiosidades sobre os atores, protagonistas, diretores e, ocasionalmente, sobre o filme em si. Apesar de sua brevidade, esses comentários eram capazes de despertar o interesse dos participantes do cineclube, incentivando-os a comparecer às sessões.

Nas versões subsequentes, o boletim manteve a fórmula, no que diz respeito aos comentários. No entanto, com o passar dos anos e o desenvolvimento do projeto, os comentários evoluíram significativamente, tanto em qualidade quanto em quantidade, tornando-se cada vez mais descritivos e detalhados. Frequentemente, os comentários incluíam comparações entre obras, seja com base no gênero, na corrente cinematográfica ou em relação a outras obras do mesmo diretor. Essas comparações tinham o objetivo de avaliar o filme em questão de maneira mais abrangente e contextualizada.

Analisando a evolução dos comentários elaborados pela equipe do Cine&Vídeo Tarumã, pode-se inferir que, com o advento das novas tecnologias de informação e o surgimento da internet, esses comentários passaram a apresentar detalhes que vão além de uma simples análise feita por um amante da sétima arte. Informações sobre as premiações e indicações recebidas pelas obras começaram a ser cada vez mais destacadas nessa seção, enriquecendo o conteúdo com dados adicionais que conferem maior profundidade e contexto às análises. Vale ressaltar que os boletins eram elaborados pelos membros do projeto; contudo, os comentários geralmente não possuíam autoria declarada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou a historiografia dos boletins informativos do Cine&Vídeo Tarumã, cineclube que, há mais de três décadas, desempenha papel fundamental na democratização do acesso ao cinema, na promoção do pensamento crítico e na criação de debates sobre temas de relevância social na Universidade Federal do Amazonas. Os boletins, produzidos semanalmente, atuaram não apenas como guias de programação, mas também como importantes registros históricos da cultura cineclubista local, refletindo a evolução das práticas curatoriais, estéticas e comunicacionais do projeto. Compreendidos como fontes primárias e vestígios documentais, esses materiais permitiram reconstruir não apenas a programação exibida, mas também as intencionalidades formativas, os posicionamentos culturais e as estratégias de mediação desenvolvidas ao longo do tempo. Sua análise reafirma a relevância do Cine&Vídeo Tarumã enquanto espaço de lazer, formação cultural e circulação de filmes fora dos circuitos estritamente comerciais, contribuindo para o cenário cineclubista da região Norte.

A metodologia adotada permitiu uma visão aprofundada sobre o conteúdo, a estrutura e a finalidade desses documentos ao longo de quase trinta anos. O processo de digitalização dos 772 boletins facilitou o acesso remoto ao acervo e, ao mesmo tempo, evidenciou a necessidade de ações contínuas de preservação da memória do Cine&Vídeo Tarumã. Para além do levantamento quantitativo, que revelou a expressiva quantidade de sessões, filmes e diretores exibidos, a análise possibilitou identificar padrões curatoriais, recorrências autorais e a organização de semanas temáticas alinhadas a debates sociais, datas simbólicas e diferentes cinematografias. Ainda que se observe predominância de produções oriundas de mercados hegemônicos, como Estados Unidos, bem como maior incidência de diretores homens em relação às diretoras, tais dados refletem dinâmicas estruturais da indústria cinematográfica mundial e, simultaneamente, abrem espaço para reflexão crítica sobre os desafios da

diversidade na curadoria ao longo do período analisado. As transformações observadas nos boletins ao longo do tempo revelam o compromisso do projeto com a formação crítica dos espectadores, bem como sua capacidade de adaptação às mudanças na universidade, no público e no próprio contexto cultural da cidade. A evolução dos boletins demonstra, portanto, um esforço permanente de aprimoramento da comunicação, consolidando o cineclubes como espaço de resistência cultural e de contracultura.

Podemos então afirmar que o Cine&Vídeo Tarumã, por meio de suas atividades e da produção dos boletins informativos, fortalece o papel educativo e cultural do cineclubismo ao incentivar o pensamento crítico, a reflexão coletiva e a democratização do acesso ao cinema. A recorrência de mostras temáticas, homenagens a diretores e exibição de obras de diferentes contextos nacionais evidencia uma curadoria orientada não apenas por critérios estéticos, mas também por preocupações formativas e socioculturais. A análise desenvolvida na pesquisa evidencia como os boletins podem ser compreendidos como instrumento de preservação da memória, registro das práticas curatoriais e testemunho da circulação cinematográfica no Amazonas. Assim, consolida-se o valor do Cine&Vídeo Tarumã como um exemplo duradouro de resistência cultural e compromisso com a arte cinematográfica.

Durante o desenvolvimento deste estudo, algumas dificuldades foram encontradas, especialmente relacionadas à recuperação e organização dos boletins físicos, que apresentavam diferentes estados de conservação, formatos variados e lacunas em determinados períodos. A sistematização das informações exigiu também um esforço significativo de revisão, catalogação e padronização dos dados, sobretudo para possibilitar uma leitura historiográfica que articulasse dimensão quantitativa e interpretação qualitativa. Ainda assim, o processo tornou possível a criação de um acervo digital que amplia o acesso ao material e contribui para futuras pesquisas.

Dessa forma, este trabalho deixa como legado não apenas a análise histórica dos boletins, mas também a disponibilização integral do acervo digitalizado,

possibilitando que novos estudos sejam desenvolvidos a partir dele. Pesquisas futuras podem explorar, por exemplo, abordagens comparativas entre diferentes fases do cineclube, análises temáticas das críticas publicadas, estudos sobre a recepção dos filmes pelo público ou relações entre curadoria, estética e contexto sociopolítico da época. O *link* para acesso ao acervo completo encontra-se disponível neste artigo, garantindo que o Cine&Vídeo Tarumã continue inspirando novas investigações e reforçando sua importância para a história do cinema e do cineclubismo no Amazonas.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Fernando. **História do cinema: origens e evolução**. São Paulo: Editora Cinemateca, 2020.

BAECQUE, Antoine. **Cinefilia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Cinema perto de todos, cine clubes em todo lugar!**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2024. 18 p.

BUTRUCE, Débora. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. **Acervo: Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 117–124, jan./jun. 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

COSTA, Selda Vale da. "Cineclube Tarumã: 38 Anos de Conhecimento Fílmico." **Revista de Estudos Cinematográficos**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 45-60, dez. 2018.

DUARTE, Durango Martins. **A sétima arte em Manaus**. Manaus: DDC Comunicações, 2017.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães. O cinema nos ensina? In: QUEIROZ, Fabrício David de et al. (org.). **Cinema e formação: concepções estéticas e pedagógicas**. Campinas: Alínea, 2021. p. 71–89.

GREGIO, Gustavo Batista. A revolução modernista nas artes e no cinema moderno brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: [s. n.], 2017. v. 1, p. 1–15.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 271–282.

RIBEIRO, Ana. **A ciência por trás das imagens: os Lumière e o nascimento do cinema**. Rio de Janeiro: Editora Cinemática, 2021.

SALES, Priscila Constantino. O movimento cineclubista brasileiro e suas modulações na recepção cinematográfica. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: [s. n.], 2015.

SENA, Karlos Miguel Gomes et al. Cine & Vídeo Tarumã: um cineclube da Universidade Federal do Amazonas. In: CONGRESSO ABRAPCORP, 16., 2022, Maceió. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas: Galoá, 2022. Disponível em: <https://www.galoa.com.br>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SENA, Karlos Miguel Gomes. **Cineclubismo e Relações Públicas: brincando e aprendendo com filmes no Clubinho do Dragão**. 2024. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Públicas) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

SMITH, John. **Cinema: a arte em movimento**. Rio de Janeiro: Editora Cultura, 2018.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. 5. ed. Tradução de Fernando Mascarello. São Paulo: Papirus, 2013.

TEIXEIRA, Inês. Uma história sem fim – o cineclube abraça a escola. In: ALVES, Filipe; MACEDO, Giovani (org.). **Cineclube, cinema e educação**. São Paulo: Praxis, 2011. p. 37–49.

VASSALI, Maurício; PINTO, Ivonete. Curadoria e cinefilia em salas universitárias: o Cine UFPEL e o cinema brasileiro. **Rebeca: Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 22–45, jan./jun. 2020.